

Brincadeira: Marcos temporais e memória

Alberto Nídio Silva

Universidade do Minho (IE-CIEC)

Resumo: A brincadeira, expressão maior das culturas lúdicas da infância e do saber popular infantil que colora o folclore das crianças e que entre elas constitui prática singular, tem marcos temporais indelévels que lhe (de)marcaram um tempo e que a memória guardou para sempre. A linearidade que, durante quase todo o tempo antes da chegada da TV, a brincadeira transportou, a revolução das suas práticas que a partir daí se operou e acentuou com a chegada das novas tecnologias da comunicação e informação à vida das crianças e a consequente transformação radical do seu *habitus* lúdico (da rua para casa e daqui para o quarto) balizam eras distintas de tempos sociais paralelas às que ditaram, consequentemente, a transformação que as artes de e para brincar foram, historicamente, sofrendo. Ao resgatar a brincadeira pela voz das crianças, muitas das vezes expressa pela voz dos adultos que hoje são, faz-se o registo, que neste artigo se guarda, de um pedaço da herança cultural lúdica que foi passando entre as quatro gerações que estudamos qualitativamente a partir de entrevistas grupais feitas em contexto familiar, que serviram de base para o que a seguir fica relatado. A brincadeira e a parafernália que a acompanha fazem parte da história de vida de todos nós e, por isso, a cada um cabe velar para que nunca pereça.

Palavras-chave: brincadeira, brinquedo, tempo, memória



Silva, A. (2013). Brincadeira: marcos temporais e memória. *Da Investigação às Práticas*, 4(1), 4 - 30 .

Contacto: Alberto Nídio Silva, Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Av. Dr. António Ribeiro Guimarães, 1180, 4730-715 VILA VERDE, Portugal / albertonidio@hotmail.com

(recebido em setembro de 2013, aceite para publicação em outubro de 2013)

Abstract: Playful, highest expression of playful cultures of childhood and popular knowledge of children which color the folklore of children and which among them consist in singular practice, has indelible timeless marks and marked them a time which was kept in memory forever. The linearity which during most of the time before the arrival of TV was carried by playful, the revolution of its practices operated from there and accentuated with the arrival of new information and communication technologies to the life of children and consequent radical transformation of their playful *habitus* (from street to home and consequently to the room), delineate distinct eras of social times parallel to those which dictated, consequently, the transformation which the arts to and for play were, historically, suffering. Redeem by the voice of children, often expressed by the voice of adults who are today, is made the record, which in this article is kept, from a piece of the cultural playful heritage which was passing between four generations studied qualitatively from group interviews made in the family background. From where we confirm what is reported below. Playful and related paraphernalia are part of the life story of all of us and therefore it is up to each of us to ensure that never perish.

Keywords: Playful, plaything, time, memory

Résumé: Le jeu, la plus grande expression des cultures ludiques de l'enfance et du savoir populaire enfantin qui colore le folklore des enfants et constitue, parmi eux, une pratique singulière, laisse des marques temporelles indélébiles qui restent gravées pour toujours, dans la mémoire. La linéarité que le jeu a transporté, pendant la plupart du temps avant l'arrivée de la TÉLÉ, et la révolution de ses pratiques qui, à partir de ce moment s'est opérée et accentuée avec l'arrivée des nouvelles technologies de l'information et de la communication dans la vie des enfants et, la conséquente transformation radicale de leur *habitus* ludique (de la rue à la maison, de la maison à la chambre) délimitent des époques distinctes de temps sociaux qui sont parallèles à celles qui, conséquemment, ont dicté la transformation que les arts de et pour jouer ont historiquement subi. Recueilli par la voix des enfants, souvent exprimée par les adultes qu'ils sont devenus, nous avons noté et gardé dans cet article, un morceau de l'héritage culturel ludique qui a traversé les quatre générations que nous avons étudiées qualitativement à partir d'entretiens de groupes faits en contexte familial. C'est à partir de cette étude que nous affirmons ce qui est rapporté ci-dessous. Le jeu et l'attirail qui l'accompagne font partie de l'histoire de vie de nous tous donc, chacun de nous doit veiller à ce que rien ne soit jamais oublié ni perdu.

Mots-clés: jeu, jouet, temps, mémoire

I. INTRODUÇÃO

O trabalho que a seguir se dá a conhecer funda-se no manancial que ficou de narrativas biográficas de crianças de todas as idades (há uma criança que fica a morar para sempre em cada um de nós mesmo depois de crescer) durante um século. Na fala de velhos e novos, contadas no tempo das crianças que o foram então e das que o são ainda agora, demarcam-se

com clareza facetas das brincadeiras que, embebidas de acontecimentos históricos ou invenções da humanidade, as crianças não podiam, nem podem, deixar de parodiar, integrando-as em imaginativas avocações no seu mundo lúdico.

No diálogo misturado entre a teoria e a empiria, arrumam-se esses marcos que a memória de cada criança especialmente guardou numa brincadeira que perdurou, num apetrecho que encantou a vida brincante que pulula por natureza dentro de si ou mesmo num brinquedo amado que se quis guardado bem adentro da memória ou num baú esquecido, num canto do quarto das arrumações lá de casa.

Antes, fica traçado o terreno por onde andamos à procura dos dados, que, depois de olhados pelo seu peso heurístico e tratados em conformidade, tornaram entendível o que por aqui adiante fica escrito.

2. CONTORNOS DA INVESTIGAÇÃO

Os dados contidos no estudo empírico qualitativo em que se sustenta este artigo e que agora se apresentam e analisam¹ ressaltam do que nos foi relatado em entrevistas coletivas feitas junto de dez famílias com quatro gerações vivas localizadas em meios urbano, rural e intermédio, envolvendo setenta e seis participantes (quadro 1) e um arco temporal de quase um século (o mais velho dos informantes nasceu no dealbar da República e a mais nova ao virar de milénio).

Quadro 1: Universo geral dos familiares informantes e respetivos estratos geracionais

Famílias	Entrevistados			Divisão Etária			
	H	M	Total	≤ 25 anos (Filhos)	>25 e < 50 (Pais)	>50 e < 75 (Avós)	≥75 anos (Bisavós)
F1-Araújo	4	3	7	2	2	2	1
F2-Cerqueira	2	6	8	3	2	1	2
F3-Cunha	3	5	8	3	1	2	2
F4-Fernandes	4	2	6	3	1	1	1
F5-Ferreira	3	4	7	3	2	1	1
F6-Gonçalves	3	6	9	3	2	2	2
F7-Massa	4	2	6	3	2	2	1
F8-Oliveira	3	5	8	3	1	3	1
F9-Pimenta	4	7	11	5	4	1	1
F10-Rodrigues	2	4	6	1	1	2	1
Totais	32	44	76	29	18	15	14

Dados tirados de Silva, 2012

Legenda: F=Família

¹ Saídos do detalhe de um estudo qualitativo mais abrangente (Silva, 2012).

O vasto registo áudio que se colheu foi editado em texto e este teve o seu conteúdo escalpelizado a partir da categorização e subcategorização dos dados recolhidos, que nos direcionaram para a visão temporal que a seguir fica descrita.

Por muito tempo, as crianças brincaram na informalidade com que, das mais variadas maneiras, se juntavam para dar expressão à cultura lúdica em que se consubstancia o essencial das suas culturas infantis. Faziam-no com brinquedos e brincadeiras trazidos pela herança cultural que trespassava oralmente entre gerações de crianças, do mais velho para o mais novo num continuum interminável, a que se achegavam, de quando em vez, factos, eventos ou inventos da humanidade que as crianças reinterpretavam e chamavam às suas atividades lúdicas.

Do que nos contaram e que a análise de conteúdo evidenciou, fica o registo que nos parece mais significativo. A brincadeira tem marcas poderosas na memória de todos, algumas mesmo que permaneceram como referencial de momentos dados que mexeram com a praxis lúdica. Tomemos os testemunhos e realcemos o que deles ficou transparecido.

3. MARCOS TEMPORAIS

3.1. Anteriores à televisão

Talvez as brincadeiras das crianças não tenham conhecido transformações tão acentuadas como as que se consubstanciam nestes tempos que abarcam a centúria que vai desde a primeira década do século com que terminou o segundo milénio e a que inicia o terceiro, e aqui, sobretudo, no período sucedâneo do segundo grande conflito mundial que reduziu particularmente a Europa a escombros.

A história da humanidade viveu muitos momentos em que a evolução do conhecimento acumulado foi permitindo ao ser humano lograr grandes conquistas, que foram marcando os avanços do processo civilizacional. Por esses tempos, as brincadeiras das crianças terão ganho muitas das vezes novas ferramentas e, com elas ou através delas, verificou-se o desabrochar de novas ideias que acrescentaram outras configurações aos seus mundos lúdicos. A invenção da roda há quatro milénios atrás, provavelmente a mais importante descoberta mecânica de todos os tempos, constituiu, acreditamos, um bom exemplo da emergência que lhe subjazeu de um tempo de novas experiências lúdicas para as crianças de então, muitas das quais perduraram até aos tempos hodiernos.

Outrossim, paralelamente, os acontecimentos marcantes da vida societária não deixam de suscitar o olhar das crianças e a sua conseqüente reprodução no seio das culturas que lhes são próprias.

Da força com que muitos inventos e eventos penetram no mundo brincante das crianças falam as palavras que, nesse sentido, o Albino, do terceiro estrato geracional dos Ferreira (F5), alinhou e que se respigam aqui à laia de lançamento desta linha de abordagem da investigação recolhida agora aberta:

A sensação que tenho... não é uma sensação, é uma certeza... é que as brincadeiras eram conforme os hábitos da época. As brincadeiras da tropa do meu pai vinham da Segunda Guerra Mundial, assim como eu brinquei muito aos cowboys em pequeno por causa dos filmes que via, por causa da televisão... a roda no meu tempo já era um pneu e dois paus introduzidos assim de lado [gesticula], cheio de água para os paus deslizarem bem, não agarrarem.

Na verdade, contara-nos o pai António (F5), criado, como ele, na cidade, bem junto a um aquartelamento militar ainda lá hoje existente – Regimento de Cavalaria de Braga, mas, ao tempo e até bem recentemente, Regimento de Infantaria 8 – nos tempos que se seguiram à Guerra Civil de Espanha e à segunda grande deflagração mundial, ainda no decurso da qual nascera, que deixara feridas em todo o mundo e, pelo acumular das duas, concomitantemente, apesar de Portugal nelas não ter participado, por cá também, vivendo, consequentemente, uma infância muito marcada pelo permanente contacto com o ambiente de guerra e com tropas em manobras constantes:

[Por entre a bateria de brincadeiras que nos narrou a partir do cardápio que na memória ainda lhe ficou das muitas que preencheram a sua vida lúdica de então, referiu-nos os cenários belicistas que com os amigos construía] Brincávamos à tropa, fazíamos as cartolas em papel, com latas fazíamos bombos e... tínhamos o quartel no monte e... era o faz de conta, o faz de conta... e, depois, batíamos nas latas-bombos, zás-trás-trás-trás, tudo alinhado e tudo a marchar, como se fosse tropa... [eram brincadeiras que] ... vinham da guerra.

Do estrato geracional mais velho, fica, neste evocar das novidades tecnológicas que da conquista do mundo dos adultos emergiram e, céleres, desceram ao quotidiano das crianças, o ar vaidoso com que o bisavô Araújo (F1) lembrou o grande invento do seu tempo, que a bicicleta na configuração com que hoje a conhecemos constituiu então, embora luxo que só a bolsa de alguns, poucos, sustentava: “agora [por volta de 1920], bicicletas, havia quatro aqui em Vila Verde, só quatro, e eu tinha uma”.

Na cidade, o mais velho dos Oliveira (F8) recorda as tentativas de afirmação de uma novel atividade lúdica que os ingleses para Portugal haviam trazido não há muito tempo e as crianças então logo avocaram com toda a força, constituindo um marco histórico na história da vida brincante desse tempo, ainda arredio da vida urbana vilaverdense e da vida campestre, apesar da difícil aceitação que socialmente era dada à sua prática e, concomitantemente, ao praticante, não só por vezes perseguido pelas autoridades, como, também, mal visto e malquisto junto dos concidadãos. Complicada a conquista desta nova e marcante brincadeira, depreende-se:

[Por jogar futebol, a sua grande paixão de menino, o senhor Geraldo (F8), em criança, foi duas vezes detido e multado pela polícia] Uma das vezes foi no Parque de Santa Cruz. Estávamos ali a jogar, vieram uns polícias do lado do hospital de S. Marcos, cercaram-nos e... lá fui preso. O meu pai pagou na altura dezasseis escudos, se bem me lembro... tinha eu os meus oito anos. Outra vez foi na casa dos Coimbras... eu ia a saltar lá para dentro para buscar a bola que lá caíra e fiquei preso por uma perna e, entretanto, veio um cabo da polícia, agarrou-me por essa

perna e...lá fui preso outra vez. Era um gandulo e, hoje, o jogador de futebol é um herói.

Neste fragmento de narrativa, plasma-se, também, o traço de um outro marco, porventura trazido por uma postura temporalmente indeterminável, bem menos prazeroso que o configurado na brincadeira que então despontava e que perdurou ainda tanto tempo quanto o que gastou a ditadura que cinquenta anos depois abriu subjogou: a implacável presença da autoridade policial lidando com as crianças que na rua brincavam como se de simples delinquentes se tratassem.

3.2. Na era da televisão

O terceiro estrato geracional estudado constitui-se, simultaneamente, como predecessor e precursor de um dos grandes inventos do século XX, a televisão, e dos efeitos que a sua presença vai provocar em toda a sociedade, constituindo um marco que os que viveram as suas infâncias antes da sua chegada, não deixaram de nos evocar, entre o espanto e a preocupação, quando dela nos falaram, tal foi a impressão que a força da sua presença nas crianças que depois deles vieram lhes provocou, agora com a companhia dos computadores. Perdido na narração das brincadeiras de criança onde pela rua gastava o seu tempo com os amigos, o João Alberto, dos Araújo (F1), não deixa de lembrar, à laia do que já nos fizera a D. Teresa dos Rodrigues (F10), esta apenas em relação às consequências da presença da TV na vida lúdica das crianças, que “agora a televisão absorve tudo, a televisão e os computadores”. Ele que a viu dar os primeiros passos em 1957, por um tempo ainda tímidos, e com enorme afirmação junto do grande público já havia chegado à adultez.

Outrossim, a Maria do Céu, dos Pimenta (F9), recorda o fascínio do pequeno ecrã e a intromissão que teve na sua vida lúdica, se é que de ludismo para as crianças se não tratava também estar perante aquele pequeno aparelho: “quando tinha um bocadinho de tempo lá ia eu para aqui e para acolá atrás da brincadeira. E veio a televisão, quando queria ver a pouca que havia ia para os vizinhos, para a Zefinha [vizinha porta com porta] ...adorava e...saía de lá muita brincadeira”.

Verdadeiramente tomado já pela televisão, o 2.º estrato geracional encontra a sua difusão em rápida expansão e é, com o andar do seu arco temporal, positivamente apanhado pela magia e o encantamento que, desde a primeira hora, provocou a todos em geral e às crianças de um modo arrebatador.

O Carlos, dos Abreu (F1), retrata com pormenor as marcas que a TV lhe deixou quando criança:

As brincadeiras andavam sempre por ali com uma influência muito grande da televisão...Robin dos Bosques, filmes de cowboys, a Galáctica, o Espaço 1999; aquelas figuras todas apareciam... o Spock, a Maia, os poderes de cada um, são os primeiros super-heróis que não estão no papel...e as brincadeiras eram à volta

disso, o polícia-ladrão, mas adaptado à série que dava no momento, ou ao filme que passava naquela altura, ou a uma repetição do Bonanza....

No meio urbano citadino, o Albino dos Ferreira (F5), tal como acima se regista, também vê muito do seu mundo brincante ser moldado com novas facetas trazidas pelos novos heróis televisivos que lhe entram portas adentro, quadro que ainda não conhece acuidade de notar no meio rural.

Das palavras do Miguel Oliveira (F8) surgiu um olhar sobre um outro lado da TV na estruturação das brincadeiras, mesclado, até, com alguma decepção:

Na altura do Natal aquilo era sempre a olhar para a televisão...aquilo é que é! – Referindo-se às novidades lúdicas que a publicidade lhe procurava impingir – depois, também a desilusão dos bonecos não fazerem o que faziam com eles na televisão. A televisão transmitia as brincadeiras que depois nós, realmente, não podíamos fazer, porque os bonecos não davam...mas aquelas novidades da televisão também eram um estímulo, estava sempre a ver coisas novas....

O poder do pequeno ecrã em todo o seu ‘esplendor’, aqui no aliciamento das crianças, nem que, por vezes, estivessem a vender gato por lebre.

3.3. Depois e, ainda, apesar da televisão

À laia do que aconteceu com o estrato geracional dos avós e consolidado o papel significativo que depois dele a TV ganhou na vida das crianças, o estrato geracional dos pais vai também servir de ponte para a emergência de novos marcos temporais, que, pela dinâmica com que surgem em catadupa e se entranham no quotidiano das sociedades, estão, por transmutação quase imediata, a transformar muito rapidamente o panorama da brincadeira, até há muito pouco tempo atrás mantido em quadros lúdicos padronizados, tal e qual, aliás, como aconteceu durante milénios, sempre formatada em configurações historicamente muito aproximadas entre si.

Na infância do Carlos Abreu (F1), já toma lugar o computador para brincar: “por volta dos meus doze anos tive o primeiro Spectrum, isto e jogos”. Estamos no dealbar dos anos oitenta passados, ponto de partida para a eclosão definitiva de uma era vivida no mundo digital e tecnológico de informação e comunicação à escala global que nunca mais parou de evoluir. Uma dezena e meia de anos depois, o Rui Massa (F7) “já tinha computador, sega e playstation”, um pouco depois do Miguel Oliveira (F8) também já ter adquirido a companhia de um sega, embora, um e outro, ainda se perdessem mais com outras brincadeiras menos tecnológicas.

O primeiro estrato geracional do universo de informantes desta pesquisa biparte-se de novo neste tempo de mudança. A sua metade mais velha cumpre a fase da afirmação do computador, particularmente nos meios urbanos, onde a novel máquina já ocupa muita da vida da Raquel, dos Ferreira (F5), mas ainda não a da sua homónima dos Oliveira (F8), nem na

irmã desta, Inês (F8). Todavia, à vida vivida no campo estas novidades da segunda modernidade ainda não haviam chegado.

É, contudo, a metade mais nova do estrato geracional dos filhos que conhece o *boom* do fenômeno e as imensas e continuadas variações que em seu redor se produzem, perpassando os diversos quadrantes do público-alvo do estudo em todos os sentidos e com preferências para os gostos mais díspares ou desencontrados, mas, ainda, com uma presença muito vincada da televisão.

O João, dos Abreu (F1), relatou-nos a suas deambulações pelas novas tecnologias: “às vezes vou a “sites”, às vezes jogo nos jogos do computador, tenho os favoritos onde vou brincar, distrair-me”. Coisas que, afinal, a sua irmã Carolina igualmente não desdenha: “também vou e também jogo na Internet”. Todavia, esta caçula dos Abreu concorda com o avô quando este diz que a televisão e os computadores abafam tudo, mas não deixa de assegurar: “eu gosto de jogar computador e tenho tempo para outras brincadeiras”.

Mais expressiva e mostrando grande afeição ao tempo novo que se instalou na vida lúdica das crianças, a Vera, dos Gonçalves (F6), instada a olhar as brincadeiras de agora e compará-las com o que a esse respeito antes, na entrevista grupal, ouvira da mãe e da avó, foi perentória: “Não, é completamente diferente. Agora nós estamos mais ligados à tecnologia, aos computadores, aos telemóveis, aos ipodes, à playstation...mandamos SMS para conversar um bocado quando não podemos estar pessoalmente e passamos imagens, músicas e outras coisas”. Muito atenta a ouvir a dissertação da filha, a mãe, Anabela, comentou perante a concordância da avó:

Pelo que eu vejo e não sou muito velha para dizer isto, do meu tempo para o das minhas filhas, a minha opinião é de que hoje em dia eles não sabem brincar precisamente por isso [novas tecnologias e a ludicidade a elas ligada], eles nem têm interesse em ter as brincadeiras que nós tínhamos, porque eles hoje em dia, se calhar, também têm mais do que deveriam. Eles hoje em dia têm telemóveis, e só nisso perdem o tempo todo, têm computadores, têm Internet, televisão, e basta terem essas coisas para se desligarem completamente da outra brincadeira e até da família, eles depois já querem mesmo a distância dos pais, não há aquele diálogo como havia, como eu com os meus pais e...eu noto isso, percebe?”

Num mundo muito similar ao da Vera, o primo Miguel Ângelo (F6) gasta uma boa fatia do seu tempo livre “em casa a jogar no computador e na playstation, a maioria das vezes sozinho”.

Na campanha, o lastro das novas tecnologias espalhou-se um pouco por todo o lado. O Márcio, dos Clara (F4), tem em casa uma playstation com que joga e a Raquel Cunha (F3) do trio de objetos que tem à mão é o MP3 o que mais a fascina: [Entre o computador, o telemóvel e o MP3] “o que eu uso mais é o MP3, quando saio das aulas e estou a lanchar, estou a ouvir música”. Bem perto, a Mara, dos Cerqueira (F2) usa para brincar o computador, a playstation, o MP3 e o telemóvel, mas, contudo, a TV continua a tomar lugar com alguma importância nas suas atividades lúdicas, malgrado a confessa preocupação que isso causa à mãe Sónia.

4. TEMPOS DE UM NOVO TEMPO

Nos fragmentos das entrevistas que recortamos e sequenciamos pelo alinhamento que por agora leva a apresentação dos resultados é possível perceber como (i) os grandes eventos e inventos da humanidade são desde logo apropriação obrigatória para o mundo lúdico das crianças e, conseqüentemente, (ii) aí se consubstanciam pela capacidade que nelas se encontra de o fazerem de acordo com a forma como os (re)interpretam, ou seja, em correspondência com a sua imaginação criadora e multiplicadora de cenários brincantes a partir da realidade em que socialmente (con)vivem, num processo de fabulação polimorfo verdadeiramente único e, nesse sentido, irrepetível por toda a vida do ser humano.

Quadro 2: Marcos temporais influentes no mundo lúdico das crianças

Bicicleta	Futebol	II Guerra Mundial	TV	TV	Spectrum	PC, Internet Playstation, Telenóvel Ipod, MP3
4.º Estrato Geracional		3.º Estrato Geracional		2.º Estrato Geracional		1.º Estrato Geracional
Era Pré-Televisão			Era da Televisão		Era Digital	

Dados colhidos de Silva, 2012

As três eras em que julgamos poder repartir o lastro temporal da pesquisa (Quadro 2) têm ao centro a marca de um dos maiores inventos da humanidade no século passado. Nada ficou como dantes depois da emergência da televisão.

Na verdade, na primeira metade do tempo que atrás fica contado pelos marcos que trouxeram novas realidades ao mundo lúdico das crianças que por ele passaram, bem no centro do ponto de viragem que a revolução industrial tinha trazido à vida dos povos e ao mundo da ludicidade que com ela chegara também (Fernández, 1991), fica o registo da presença da bicicleta, um meio de locomoção que bem nos finais do século XIX atinge o seu grau de desenvolvimento pleno com a invenção da roda livre e das mudanças² e que, a partir daí, rapidamente se populariza e torna também um importante meio de lazer que, pelo seu valor social, ecológico e sanitário, permanece vivíssimo nos tempos de agora, quicá com dimensões nunca antes atingidas, com pleno reflexo nas atividades recreativas das crianças,

² A roda livre foi criada para oferecer maior conforto ao ciclista. Este dispositivo permitia interromper a pedalada especialmente em descidas, em trajetos com vento a favor e em alguns momentos de calma na corrida. As mudanças permitem o aproveitamento de várias engrenagens e com isso imprimir maiores velocidades. É a última invenção que aperfeiçoou tecnicamente a bicicleta. Confere documento consultado em 22 de maio de 2010 em <http://www.tudosobrerosdas.pt/i.aspx?imc=2489&ic=5785&o=3919&f=5785>.

porque propiciador do exercício de uma autonomia de dimensão social e de outras inúmeras experiências lúdicas nas quais o princípio do prazer que lhes é inerente está sempre presente (Brougère, 2005).

Por esta altura, vai ganhando raízes um pouco por todo o lado um fenómeno que em pouco tempo se transforma num caso muito sério de desporto de massas à escala global. Nascido na Velha Albion em meados do século XIX, particularmente vocacionado para manter os rapazes da aristocracia que frequentam as prestigiadas *public schools* no interior dos espaços de recreio dos seus estabelecimentos de ensino, impedindo-os, assim, de vadiar na rua, e, em simultâneo, exercer junto deles uma função educativa visando o autodomínio, o controlo das pulsões e o respeito pelos códigos, baseando-se no *fair play* e na rejeição da *ungentlemanly conduct*³ (Corbin, 1995), o futebol rapidamente salta dos domínios elitistas da Inglaterra e extravasa as suas fronteiras⁴, chegando a Portugal nos finais do século XIX (1885), particularmente ao Porto, como, aliás, a muitas outras cidades portuárias (e.g. Havre e Hamburgo), onde os ingleses detêm importantes entrepostos de companhias marítimas, ganhando raízes imediatas e, conseqüentemente, dando origem ao aparecimento de inúmeras agremiações desportivas e, naturalmente, conquistando também um lugar privilegiado nas brincadeiras infantis, apesar, todavia, da pouca aceitação social e policial inicial que pudemos antes perceber pelas vicissitudes que acompanharam as primeiras incursões futebolísticas do senhor Geraldo Oliveira (F9).

Marcas indeléveis ficam na Península Ibérica pelo acumular de duas guerras devastadoras – Guerra Civil de Espanha e II Guerra Mundial – nas quais Portugal nunca se envolveu diretamente e a Espanha só na primeira, desenrolada de uma forma demolidora apenas no interior das suas fronteiras. As crianças da guerra e do pós-guerra não tiveram a abastança que depois engordou o mundo dos brinquedos, pois viveram o tempo de penúria generalizada que se seguiu aos conflitos em que nada havia e tudo fazia falta para acudir à sobrevivência das pessoas e à reconstrução das nações devastadas ou economicamente arruinadas pelas contendas (Pastor, 1991). Todavia, as crianças continuaram a brincar e fizeram-no também com as marcas da guerra, que permaneciam bem vivas na memória social. Os soldados, as marchas, as latas feitas bombos e os paus tornados fuzis encantaram as suas brincadeiras na reprodução de um mundo que com isso e com elas certamente ficou menos angustiado e mais esperançoso. Por esse tempo, muitas das crianças que então eram os adultos do terceiro estrato geracional deste estudo fechavam um ciclo muito difícil para todos e, como é historicamente habitual, para elas em particular. Foi nestes tempos de provação que o senhor

³ “Conduta imprópria de um homem educado” (tradução nossa)

⁴ “A partir de 1880, propaga-se um futebol diferente deste modelo elitista que se inscreve na filiação dos exercícios e dos jogos de origem aristocrática. Este novo rosto de um desporto com quase trinta anos de idade resulta da vontade, expressa pelos membros da ‘upper midle class’ de promover ‘rational recreations’. O seu objetivo é conter e canalizar a força, a destreza e a violência populares graças à criação e ao desenvolvimento de exercícios físicos rigorosamente codificados. Pela mesma altura, exprime-se nestes meios a vontade de restringir os espaços dos lazeres populares considerados demasiado erráticos. Este projeto de aculturação, de controlo das pulsões elaborado no seio da classe média é realizado por desportistas vindos das ‘public schools’. Estes empenham-se em mostrar aos trabalhadores das fábricas, das docas e dos entrepostos que há outras atividades físicas e outros jogos diferentes da marcha, do remo, do lançamento de bolas ou de dardos. Depressa os trabalhadores se apropriam do novo desporto que assim escapa aos seus promotores [...] A implantação do futebol opera-se no âmbito da empresa ou, mais frequentemente, no da paróquia, seja esta anglicana ou não conformista” (Corbin, 1995, p.264-265).

António, dos Ferreira (F5), foi menino-soldado no faz-de-conta de uma vida muito atrapalhada, mas, apesar disso, brincada com a alegria de sempre pelas crianças.

O ano de 1957 representa em Portugal o começo de uma nova era que a TV iniciara já por outras paragens e que, como salienta Giddens (2004), se constituiria um fenómeno arrebatador para a sociedade em geral. O quotidiano das crianças também não se livra da omnipresença e do impacto da televisão no contexto social (Pinto, 1995) em duas vertentes das suas agendas lúdicas: na substituição pura e simples da *praxis* brincante de espetadores consumidores massivos de todas as formas e feitios de televisão que lhes entram pelo ecrã pelo simples exercício de um *zapping* que cada uma delas aprende depressa e cedo, e, como se anota pela evocação dos marcos temporais das brincadeiras antes transpostos dos dados do estudo recolhidos, pela influência direta que as séries, os programas e os heróis que neles se configuram trazem para as fabulações em que se corporiza uma boa parte da ementa lúdica das brincadeiras que as crianças confeccionam em cada dia e em cada época das suas vidas. Como diz D'Amato (2006) e os registos empíricos da pesquisa convalidam mais uma vez, a caixa que as encanta guarda-lhes também os sonhos, os sonhos que elas tão bem confabulam na vida própria com que fazem girar muito do seu mundo. Foi esta nova era que a TV trouxe ao quotidiano lúdico das crianças que o estrato geracional dos avós ainda conseguiu pegar pelas pontas, mas que, em boa verdade, só o estrato geracional dos pais viveu da forma intensa e marcante que se respigou atrás, mesmo considerando que já foi ele quem teve, no dealbar da década de oitenta passada, em primeira mão, uma espécie de protótipo da era digital (ZX Spectrum) que estava prestes a inverter o "*status quo*" secularmente presente na cultura lúdica da infância. TV que ia aqui conhecer, a breve trecho, uma concorrência sem precedente e com a impensável força de rapidamente ameaçar o seu poder por decénios hegemónico junto do público grande e das crianças.

É, contudo, no primeiro dos estratos geracionais que um turbilhão de novidades saídas do novo paradigma tecnológico emergente (Castells, 2002), que os dados do estudo marcam de uma forma visível, vem reconfigurar muito do tradicional espetro brincante das crianças, que em poucos anos vão ficando submersas num mundo sem barreiras, crescendo "no seio da cultura do computador" (Turkle, 1995, p.111). A metade mais recente deste primeiro estrato geracional, e sobretudo este, assume-se como uma verdadeira *e-generation* (Cardoso et al., p. 2007), autênticos nativos digitais (Prensky, 2001) de um tempo novo de rutura com as ancestrais formas de realização das culturas lúdicas infantis, como bem evidenciam as palavras da Vera Gonçalves (F6), apesar de nos seus quotidianos a televisão e algumas brincadeiras vindas de longe prevalecerem num ou noutro pequeno bocado dos poucos momentos que por hoje vão tendo para o fazerem em contextos deste novo, diferentes e, por enquanto, ainda concorrentes.

É este o novo tempo, de exaltação, para uns (e.g. Johnson, 2006; Papert, 1996), inquietante, para outros (e. g. Postman, 1994; Cordes e Miller, 1999), mas, seguramente, de mudança para todas as crianças (Buckingham, 2002), em que as marcas temporais aqui projetadas apontam todas para um caminho unidirecional, que tem as atividades *indoor* como destino arrebatador dos tempos livres das crianças, por onde a sua vida lúdica se vai detendo com a acuidade que a investigação vai desnudando a cada passo. Vencida a obstinada presença da autoridade policial que em tempos idos atrapalhou a brincadeira das crianças fora de portas, como o bisavô Oliveira (F8) amargamente no-lo contou, outras grilhetas parecem querer amarrar a

brincadeira livre e espontânea das crianças vivida no seio das suas particulares culturas. Estas são marcas que na contemporaneidade ainda vão tendo alguma concorrência de alguns dos traços lúdicos de ontem, mas, porém, tendencialmente a eles cada vez mais sobrepujantes.

5. BRINCADEIRA E MEMÓRIA

5.1. Memórias esparsas

As narrativas que os entrevistados nos contaram contêm informação que, embora saída de divagações e reflexões espontâneas que os momentos de diálogo provocaram e o entrevistador deixou fluírem, não deixa de provir de conversas ocorridas na abordagem guiada de um contexto temático predeterminado e ser, conseqüentemente, merecedora da correspondente consideração correlacional.

São retalhos de vidas de crianças que, num tempo dado, nos contam histórias com significado na história de cada uma delas – por isso a memória as guardou tão bem e a força das suas marcas não as deixou esconder – que retratam (a)venturas e desventuras de um quotidiano muito desigual, de risco, temerário, astuto, vivido do e no jeito que marca as especificidades de cada criança na sua individualidade e das suas correspondentes infâncias, muitas delas passadas em contextos e tempos em que isso ainda não era tido como coisa de grande monta.

De permeio andou, como anda sempre a brincadeira, por isso e apesar disso firme na marca cimeira com que pauta a cultura lúdica e a sua privilegiada presença nas culturas da infância, que nenhuma circunstância, por mais adversa que o seja, consegue delir, quando senão mesmo, quantas vezes, acicatar.

5.1.1. Infância no plural e brincadeira no singular

A escola, *locus* de tantas brincadeiras, nem sempre foi bom porto de abrigo para as crianças, sobretudo para as que não encontraram nela aconchego e compreensão para as dificuldades que a aprendizagem lhes colocava. O bisavô Cunha (F3) gostava de lá ter ido mais tempo para brincar e, confessa-o em tom entristecido, também aprender, mas as coisas não correram nesse sentido:

Aprendi mal, porque a professora era muito má e... depois nós íamos à escola...eram dois colegas numa carteira e eu às vezes não sabia dizer a lição e o meu colega de carteira sabia e dizia a dele e dizia a minha e, então, a professora batia-me muito...Jesus!...bofetadas, puxava-me pelas orelhas e eu, depois, comecei até a gazar da escola e...bom, saía de casa com a saca com os livros, o pãozinho dentro da saca e chegava lá, os meus colegas entravam para a escola e eu não entrava, mas também não vinha para casa, escondia-me, andava por ali e, quando

eles saíssem da escola, eu vinha com eles embora. Os meus pais estavam a pensar que tinha estado na escola, mas não tinha estado. Mas a professora um dia mandou chamar os meus pais para saber por que eu não ia à escola, coisa que os meus pais, face ao que contei, negaram, com a professora a reafirmar o que de facto acontecia e os meus pais não sabiam. E, meu amigo, o meu pai deu-me, depois, uma trepa, também por eu não ir à escola, bateu-me e...foi o mal...aprendi mal, praticamente só faço o meu nome.

O senhor Manuel Clara (F4) nem o pouco que constituiu o fadário escolar do senhor Cunha (F3) pôde contar, embora o seu lhe merecesse a sentida lembrança que a expressão pungente da narrativa desoculta quando lembra que os 'brincamentos' só mesmo no e com o trabalho:

Os outros meus irmãos foram à escola, mas eu não... que o meu pai tinha oito filhos, era um pobre pedreiro, nem tinha casinha dele, não tinha nada, ganhava cinco escudos por dia para manter todos e eu fui servir tinha sete anos. Fui acolá para S.ta Marinha de Oleiros ter conta num gado, passei ali pela Portela...eu queria vir embora, deixar o gado no campo, mas não sabia o caminho...foi a minha vida...uma sardinha chegava para três...hoje eles comem o que querem e sobra-lhes. [Quanto ao brincar ao Sábado e ao Domingo, a vida dura brota outra vez da narrativa] Não senhor...mas o meu pai, o meu falecido pai, foi dia de Natal buscar a 'consoadinha' aos meus patrões – punham-lhe umas batatinhas, uns 'olheirinhos' de couves, punham-lhe uma garrafinha de azeite, uma garrafinha de vinho...uma cabacinha, que dantes era uma cabaça...uma boroa de pão, nós vínhamos todos contentes!...foi lá e...foi-me lá levar outra vez no fim da consoada, mas...agarrei-me a meu pai e...já não fiquei...a patroa não queria que eu viesse embora, foi buscar uma franga para eu ficar...mas eu...agora...vim-me embora. Cheguei a casa e fui servir para Ruivães, na Ponte da Barca, lá estive dois anos, mais ou menos, depois vim-me embora, fui servir para Revenda, estive sete anos nos 'Vinha Nova....

Não foram fáceis os tempos de criança dos entrevistados do 4.º estrato geracional e com eles se intrincaram também as brincadeiras, para rapazes e raparigas, como no-lo retrata agora a recordação da D. Adelina, dos Gonçalves (F6):

As minhas brincadeiras foram muito poucas. O meu pai era pedreiro...os meus pais não deixavam, o meu trabalho mais perfeito era ir para a bouça com as ovelhas. Uma vez, quis ir servir, pensei, naquela altura, que era uma grande coisa e fui para um casal, para o Pico. Depois de lá estar...era no inverno...sentaram-me na cama a escolher feijões num crivo e eles na cozinha a tomar leite e trigo e...eu a escolher feijões...e eu...ai meu Deus, isto para mim não dá e...fui-me embora, não quis mais servir. Eu pensei que em casa estava mal, mas estava bem.

Tempo, sobretudo o tempo de um tempo onde outras urgências tinham primazia sobre o mundo lúdico das crianças, no campo e na cidade, tomando quase todos por igual, como a reflexão da criança feita pelo seu adulto, que, volvidas quase oito décadas de existência, o senhor Carlos Massa (F7) pode hoje deixar com o background que este estatuto naturalmente comporta:

A vida atual é muito diferente da de antigamente. Hoje, a juventude tem melhores condições de vida, não quer isto dizer que antigamente não havia também pessoas que viviam bem, a diferença entre pobres e ricos é que era mais acentuada do que atualmente.

A vida no meu tempo, nas classes remediadas, era muito difícil, só praticamente os homens é que trabalhavam, as famílias eram numerosas, as mulheres ficavam em casa a olhar pelos filhos, foi um tempo bastante difícil, durante e após a guerra de 39-45, em que tudo faltava, não havia trabalho e a distribuição de géneros alimentícios era feita por senhas, formavam-se longas filas nas padarias e nas mercearias para adquirir bens essenciais à subsistência da família. O tempo livre das crianças era muito limitado à obediência. Antes de poderem brincar tinham que ajudar a cuidar dos irmãos, a tomarem lugar nas longas filas, a fazerem as tarefas que lhes eram destinadas, começavam muito cedo na idade a terem obrigações, por isso sobrava pouco tempo para a brincadeira. Mas a imaginação nas crianças é intemporal, ontem e hoje a necessidade afina o engenho e a invenção do brinquedo e dos jogos fazia parte desses mesmos tempos livres.

Este *status quo* da infância que abarca uma grande parte das vidas das crianças dos tempos das guerras que na primeira metade do século passado criaram, indiretamente, grandes dificuldades à sociedade portuguesa de então – as anteriormente referidas Guerra Civil de Espanha e II Grande Guerra Mundial – colhe, também, uma particularmente dramática lembrança de criança da D. Teresa, do 4.º estrato geracional dos Rodrigues (F10), calibrada com a sua posterior experiência como docente do ensino primário desde meados dos anos trinta passados, quando fala das brincadeiras das crianças, que ela como educadora sempre procurou proteger dentro dos limites materiais de então (o recreio da escola era na estrada), mas logo misturadas com a míngua dos tempos: “mandava comprar um bocadinho de borra para dar aos mais pobrezinhos no recreio, que não tinham sequer um bocado de pão para comer...andava muitas vezes a pedir e a dar do meu para elas...era uma miséria extrema, não podia ser pior”.

Não emergem por muito mais tempo narrativas com esta carga emocional, retratando infâncias complicadas permeadas por brincadeiras sorrateiras, apesar de tudo.

A Maria Teresa, dos Gonçalves do terceiro estrato geracional (F6), conviveu muito de perto com a sombra de uma vida de menina feita mulher nos verdes anos, quase sempre vencedora sobre os impulsos lúdicos que para outros trabalhos bem mais agradáveis e apropriados à sua condição de criança, por isso, a convidavam:

A minha [infância]? Foi muito má. Olhe, a minha mãe obrigava-me a ir para o ribeiro com bacias de roupa lavar, isto à sexta-feira, cozinhar, levar com o tacho quando o estrugido esturrava e...a minha infância foi péssima, se queria brincar tinha que fugir...não brincava nada. À sexta-feira faltava à escola sem o meu pai saber e ia ter com a minha mãe ao ribeiro para ajudá-la a lavar e à tardinha dava um salto para ir ter com as minhas colegas para ver os deveres que tinham....

Na grande urbe, o senhor António, do 2.º estrato geracional dos Ferreira (F5), já não vive na atrapalhação de muitas crianças do campo ou da vila e menos ainda das do estrato geracional

dos seus pais, mas, todavia, não lhe fica indiferente o ambiente social em que se desenrolam as suas brincadeiras de rua e a revolta que as desigualdades então provocavam nos brincantes:

Brincava com a classe mais pobre que havia na rua, porque os ricos não nos passavam cartão. [Porque os ricos brincavam noutros sítios?] “Eu acho que sim ou...se calhar não, nem liberdade tinham para vir à rua, só vir para a escola e ir para casa. Aqueles que passavam fome é que andavam sempre na rua na brincadeira, nas várias brincadeiras”. “la para a doutrina descalço, brincava descalço, jogava descalço à bola. Aliás, mesmo os rapazes que estivessem calçados ou se descalçavam ou não jogavam, era tudo descalço. Porque a maior parte era descalço, os calçados ou iam para a baliza ou não jogavam [...] Havia várias brincadeiras e...fazer asneiras...como tirar aos ricos também... iam a chupar gelados e a comer bolos e chocolates e boas sandes e nós aparecíamos e...zás, ficava para nós. Da D. Maria até à entrada do portão [do Liceu Nacional Sá de Miranda], tudo o que eles trouxessem na mão ficavam sem ele.

Passe-se o exagero – provavelmente e a crer nos dados do nosso estudo, o que o senhor António conta teria a ver com os muito ricos e, muito particularmente, também com a sua rua (Rua das Palhotas), pois não eram só os pobres que andavam na rua a brincar – fica, contudo, uma imagem de marca persistente, onde nada obstava a que, pouco ou muito, as crianças brincassem e do seu quotidiano emergissem mesmo momentos hilariantes dentro dos espaços recreativos que a vida de então, apesar das vicissitudes que a marcavam, lhes propiciava. Foi dramática a récita escolar do senhor Geraldo Oliveira (F8), na escola cognominado *pintassilgo*, com um falhanço de memória perante a plateia pejada de professores e colegas, com direito a rebatismo, tudo por causa de tão inoportuno embasbaque, que recorda com graça:

Um dia, tive uma professora de português que entendeu que eu tinha jeito para dizer uns versos numa récita que fizeram lá na escola. Deram-me uns versos para eu ensaiar...ainda me lembra...entrava no palco e dizia: ‘Eu sou o tecelão/Vou tecer uma linda teia das cores/Com elas assim vou fazendo/Arabescos e flores’ e continuava. Havia duas salas que eram de costura e bordados, uniram-nas e fizeram um palco. Entro para dizer os versos...estavam lá todos os professores e aquilo cheio de colegas...entro e digo: ‘Eu sou o tecelão...’ e...tudo às gargalhadas; repito: ‘Eu sou o tecelão...’ e...olhe, embasbaquei-me e...nada. Fugi e ficou-me o nome do ‘Tecelão’.

Particularmente difícil foi a história vivida pelo senhor António Ferreira (F5) perdido nas asas de uma pomba tarameleira, das que ainda hoje fabricam artesanalmente os irmãos Marques de Lanhas, em Vila Verde:

Lembra-me de uma vez...eu tinha para aí sete ou oito anos, fui com o meu falecido avô, que era o pai aí da minha mãe, numa peregrinação que havia ao Sameiro em agosto e...vimos pelo Bom Jesus. Eu nunca tinha tido um pomba de asas, daquelas de madeira, que ao andar batiam as asas e faziam zás-trás-trás...eu e mais o meu falecido irmão, o pai da Ana Paula...pois, meu amigo, eu...fui parar a Pedralva, andei, andei com a pomba e perdi-me deles...foram à guarda e tudo...perdi-

me...com aquela emoção de andar com aquele brinquedo a bater as asas...fui sempre...fui sempre, sempre e...perdi-me.

Tempos difíceis para a generalidade das crianças, crescendo entre vidas paralelas e, por vezes, tão desiguais, que apenas na brincadeira ou nas situações que com ela eram configuradas tinham pontos de interseção que as ligavam numa mesma condição, a de ser(es) brincantes.

5.1.2. Astúcia e artes de fazer

Muitos são os quadros em que se revelam as múltiplas configurações lúdicas que as crianças redesenhavam a partir dos quotidianos mais adversos, quantas vezes emaranhadas em complicadas situações que emergiam de uma forma inopinada a partir delas, numa recorrente procura de um contexto incontornável do seu mundo (lúdico), tantas outras vezes convocado e logrado em momentos em que diferentes formas ardilosas de o confrontar emergiam em contramão com o *establishment* vigente, por matreirice pura, ou com fundado propósito e saber pericial que as mil e uma maneiras de brincar comportam.

O bisavô Massa (F7) e seus coetâneos de antanho usavam de sagacidade para se arranjam com uns tostões com destino predeterminado, valendo-se de uma tradição festiva muito arreigada junto das gentes de então e ainda hoje presente no S. João festejado anualmente na cidade de Braga:

Nessa época também havia os Santos Populares, em que toda a vizinhança se juntava e, entre crianças e adultos, todos brincavam nos jogos hoje chamados populares: corrida do saco, partir o púcaro, saltar a fogueira...No Santo António, que era venerado nas Carvalheiras, na Sé, todas as freguesias faziam um altar e um pequeno andor e as crianças divertiam-se a ir com ele pedir às lojas e casas a contribuição para as festas, ‘uma esmolinha para Santo António’, e competiam entre freguesias os altares e andores mais bonitos. Claro que o dinheiro angariado não era nada para o Santo, era para comprarmos guloseimas ou cromos de jogadores de futebol para colecionarmos nas cadernetas.

Não menos ardilosa era a forma como os Cerqueira do 3.º estrato geracional (F2) conseguiam aceder a alguns produtos agrícolas, supostamente vigiados e guardados a sete chaves pela diligência do pai, para umas tainas ou levar à feira a fim de arranjar algum dinheiro ao tempo tão escasso, como transparece da narrativa da avó Lúcia, talvez, segundo julga, contada agora pela primeira vez, quarenta anos depois, aos pais e demais presentes no decurso da entrevista à família:

Tenho uma história...ainda estávamos em Coucieiro, não sei se o meu pai soube, se não soube vai saber agora...o meu pai fazia muito pelo meloal e ele...coitado...os melhores melões e melancias desapareciam-lhe lá do quintal...ele que faz, faz uma casota em madeira...lembra-se pai?...faz uma casota em madeira, uma barraca em madeira, para dormir lá para ter conta nos “ladrões” que lhe iam ao meloal, que lhe iam lá roubar aquilo. Ora...como nós tínhamos o rés do chão

que eram cortes e em cima a casa onde nós estávamos...ora nós não éramos porque nós não podíamos sair dali para fora...não nos deitávamos pela janela abaixo...o meu irmão tinha lá tudo contratado, lá com uns vizinhos nossos que deitavam lá uma escada por fora da nossa casa, à janela, e...lá iam para a feira vender melancias e melões...estava tudo treinado...todos fechados numa sala...o outro, então vinha, deitava uma escada pela janela, o meu irmão descia pela escada, levava os melhores melões, os melhores tomates, os melhores pepinos, tudo para nós enchermos o bandulho e para a feira, o rapaz tornava a tirar a escada...prontos...nós não éramos!..o meu pai dizia...’os filhos da mãe só vêm aqui quando eu lá não estou! Quando eu estou lá eles nunca vêm!’...Ele com a pistola e tudo dentro do barraco de madeira à espera dos ladrões e...nem vê-los.

Brincalhonas e muito embaraçosas, mas apenas isso, para os terceiros delas participantes à força, são as histórias que o casal Vasco e Alice, avós dos Rodrigues (F2) narraram:

Eu gostava muito da brincadeira...Deus me livre...ainda hoje gosto da brincadeira e estou contente por ser assim...um dia enfarrusquei a cara toda à minha avó sem ela dar por ela, passando-lhe as mãos pelo rosto em jeito de mimo, depois de as sujar numa panela de ferro fuliginosa que estava na lareira sobre a trempe, de tal forma que ela veio assim para a vila, para espanto e gozo de um tio meu que a viu entrar portas adentro naquele estado lastimoso...ainda me chegou a procurar para tentar ajustar contas comigo. Doutra vez, na casa dessa mesma avó, que era muito supersticiosa em relação aos ‘espíritos e às almas do outro mundo’, preparei uma armadilha com uma corda e uns ferros atados na ponta, que introduzi num púcaro na cozinha, que estava junto ao forno, e que agitei fortemente quando, num dos mistérios gloriosos da recitação do terço, noite entrada, às escuras, o meu avô evocou a alma da mãe já desaparecida, que a nora, sua mulher e minha avó, detestara em vida, de tal modo que se instalou ali um medo terrível e a constatação precipitada pela minha avó de que era o espírito desse ente que, entretanto, lograra invadir aquele local nessa altura de culto, qual alma penada. ‘Não rezes mais’ – disse minha avó ao meu avô – ‘que é alma dessa p... que anda por aí, sem descanso’.
(Vasco – F10)

Não menos divertidas são as histórias da D. Alice, brincadeiras indiciadoras de um espírito de matiz verdadeiramente lúdica, por vezes a raiar a malandrice, apesar da astúcia com que as fazia nem sempre deixar patente aos olhos dos outros qualquer responsabilidade sua nos acontecimentos:

Eu fui aprender costura para Geme e lá é que eu fiz brincadeiras do arco-da-velha...o roubo dos tomates do Egídio na cara dele, mas convencendo-o que vira outros a fazê-lo, nomeadamente umas lavadeiras que lavavam no ribeiro e que para o almoço tinham feito um arroz de tomates, que eu convenci o Egídio lhe terem sido por elas roubados e que ele, acreditando em mim, foi lá agazar de viva voz...o bacalhau frito que apanhei ao maneta e de que ele, desesperado, não conseguia explicar o desaparecimento súbito e quase à vista dele enquanto se distraiu um pouco para comprar um quartilho de vinho ao lavrador...dos sapatitos de verão que a Linda do Sousa tinha a arranjar nesse maneta, para botar meias solas e umas

capas, e dos quais joguei um dos do par para um ervado e dele só se conseguiu saber dois ou três anos mais tarde quando se cortou a erva para lavrar o campo...e o pobre do homem com as meias solas por pagar no Morais...do saco que enfiou, à falsa fé, no Zé da Bomba, quando andei na Obra das Mães, em Vila Verde, desfeita que ele descarregou no Sr. Manuelzinho Marchante, que me emprestara o saco, porque, quando desenfiou o saco que lhe enfiou pela cabeça abaixo, eu já estava longe e ele só pôde reparar nesse senhor rindo desbragadamente pela brincadeira que eu fizera, e, conseqüentemente, julgou ser ele o autor da tratantada...ainda foi a Sabariz fazer queixa ao meu pai, mas andou mal na linguagem e acabou corrido por ele...tinha por estas alturas doze, treze anos...eu só estava bem na brincadeira. Tenho saudades do meu tempo de criança...eu fazia brincadeiras e...depois...eu nunca fazia nada...apesar das dificuldades, nunca dei pelas dificuldades da vida, que na altura existiam... Éramos mais livres, não estávamos tanto dentro de casa....

Menos afoito nas brincadeiras metedidas e afrontantes do mundo dos adultos, o João Alberto, dos Pimentas do 3.º estrato geracional, perdia-se na arte do fabrico dos brinquedos que a sua narrativa não esconde:

Mas tinha brinquedos feitos por mim, também. Eu lá entretinha-me a fazer os meus brinquedinhos, fazia carrinhos, fazia umas trotinetezinhas de madeira, que agora as crianças têm em alumínio, fazia a roda, com verguinha, tudo ali com uma perfeição, éramos uns verdadeiros artistas...também andamos com o aro da motorizada, a deslizar por um pau...fazia carros de bois, aviões...fazia aquelas coisinhas e brincávamos com elas. Também brincávamos na terra. O meu pai tinha lá duas malas de ferramenta de carpinteiro que trouxe de França, com tudo, e dava-me liberdade para eu utilizá-la para fazer os meus brinquedos e...depois até começou a ajudar-me a fazê-los...quando entrei na parte dos aviões...eu fiz muitos aviões...Jesus...vários modelos, que eu arranjava nas chicletes, que vinham dentro a embrulhar as chicletes...era uma fotografia, um desenhinho do avião e depois eu inspirava-me naquele papelinho pequenino e criava ali verdadeiras réplicas dos aviões, fazia-os e depois pintava-os. Depois, quando cheguei ao ensino preparatório ainda me aperfeiçoei melhor a fazê-los com o professor de trabalhos manuais...ele dizia que eu...’filho de peixe sabe nadar’...e eu não sabia o que é que isso queria dizer naquela altura... [o pai era um afamado carpinteiro, funcionário municipal, tal qual o é hoje também o João Alberto].

São bocados de prosas que registam outras dimensões dos modos em que a vida lúdica das crianças se consubstancia, bem arredia de estereótipos que não são compagináveis com a sua imaginação criadora e, concomitantemente, não reduzida a uma cópia macaqueada da vida dos adultos que à sua volta gravita, sem embargo, contudo, da presença muito viva de práticas ou artefactos a ela conducentes, que, muitas vezes, pelas suas singulares características conquistam um lugar muito particular nas brincadeiras das crianças e as levam, quantas vezes, a ultrapassar limites de razoabilidade para a eles acederem.

5.1.3. O fascínio da bicicleta

Não passa despercebida a transversalidade com que o fenómeno da bicicleta percorre o espectro do universo dos informantes da pesquisa na sua dimensão contextual. Aliás, já anteriormente pudemos referir a vaidade do senhor Armando, dos Abreu do 4.º estrato geracional dos informantes (F1), no seu tempo dono de um dos quatro velocípedes existentes na vila de Vila Verde. Curiosamente, agora ficam relatos de quem, quando criança, não teve a dita do senhor Armando Abreu, mas, nem por isso, deixou de perseguir e lograr concretizar o sonho de dominar e usufruir de tão fascinante artefacto lúdico, contados sempre com um episódio demonstrativo do desafio dos limites que ultrapassavam para lá chegar.

O João Alberto, avô dos Abreu (F1), que, curiosamente, ao contrário do pai, nunca teve bicicleta, recorda que nem a tenaz perseguição da GNR aquartelada bem junto do Cruzeiro onde brincava com os colegas conseguiu travar os intentos velocipédicos que pulsavam dentro de cada um deles:

...Depois, veio a bicicleta, e ninguém tinha bicicleta...o Nélinho Canudo alugava as bicicletas aos rapazes a coroa⁵ o quarto de hora, mas para arranjar uma coroa...eu ia à madrinha, que tinha muito dinheiro, e à minha avó, que era quem vendia as hortaliças todas que se produziam em casa e lá tinha o mealheiro dela, e eu arranjava lá dinheiro e...íamos então ao Nélinho Canudo alugar a bicicleta...mas a guarda de Vila Verde não deixava a gente andar ali a jogar a bola, nem a andar de bicicleta, nem nada e a gente, então, tinha sempre ali [aponta para junto do antigo posto da GNR de Vila Verde, que se vislumbrava pela janela da sala onde decorria a entrevista, uns oitenta metros adiante] um sentinel a ver se vinha algum guarda para baixo...antigamente a guarda não andava de jipe como anda agora, andavam a pé ou de bicicleta...e a gente punha-se ali, e o Nélinho Canudo, às vezes, ' aí vem a guarda!'...e...tudo a andar logo, a fugir.

Mais temerário foi o percurso em que o Adelino Oliveira (F8) se abalançou para atingir o velho desiderato que faltava na ementa da sua vasta cultura lúdica, metendo-se literalmente por caminhos que extravasavam a sua competência velocipédica de então, subjogado que estava por essa altura a uma inultrapassável vontade de usufruir do prazer de dominar a máquina, o tempo e a distância:

O filho do Isaltino que morava à beira dos Congregados... lá está...tinha uma bicicleta, o que eu sempre imaginei poder vir a um dia ter. Quando num ano vim de férias do seminário cheguei a saber que o meu pai tinha comprado uma bicicleta, que tinha estado lá em casa uns dias, mas minha mãe...' tal, o rapaz vai-se matar com a bicicleta... tal ', e... tratou de despachar a bicicleta. Isso para mim foi uma machadada, foi um desgosto tremendo...sonhava com a bicicleta...muitas vezes, sem nunca a ter visto, imaginava, até, de que cor é que era, o que tinha e...tal... Era a bicicleta e...aquele amigo da Avenida Central, morava ali, era só atravessar a rua, vinha muitas vezes com a bicicleta e cedia, deixava-me andar quando lhe pedia

⁵ Versão popular de metade de um escudo (cinquenta centavos), unidade monetária portuguesa ao tempo, hoje valendo qualquer coisa como ¼ de cêntimo de euro, se é que tal 'câmbio' se pode exercer sequer.

às vezes e...ah! Mais tarde, já para aí com 15 anos, numa altura em que estava na praia com uns tios e era necessário fazer um recado, a bicicleta foi o recurso para ir da Apúlia a Vila do Conde...sem grande experiência de andar na estrada...fiquei todo partido, cheguei de noite, sem ninguém saber de mim, mas...a bicicleta!...foi a grande oportunidade para...hum!

Não tendo o dramatismo que encerrou o domínio final que o Adelino Oliveira (F8), já tardiamente, conseguiu sobre a máquina dos seus sonhos, nem um estrato geracional atrás o constante desassossego com que o João Alberto Araújo (F1) e companheiros viviam por causa de uma presença contínua da força policial vizinha dos seus locais de brincadeira e do garagista a quem alugavam as máquinas, o outro João Alberto dos informantes, Pimenta do 3.º estrato geracional (F9), nem por isso deixou de se haver com contingências que também falam da mistura de prazer, obstinação e destemor que a bicicleta conseguia juntar em doses iguais:

A andar de bicicleta aprendi com essa desse meu amigo Victor, que eu não tinha bicicleta, nunca tive bicicleta, andávamos à vez ou andávamos os dois em cima dela. Um dia íamos os dois em cima da bicicleta por um carreiro dos campos abaixo e a meio do caminho tivemos que atravessar um ribeiro...uma pedra que tinha mais ou menos 50 cm de largura e uns 4m de comprimento e...tínhamos que ir pela pedra fora de bicicleta e eu disse: 'oh Victor, vais passar?'; 'vou! Não te aflijas que eu passo'. E eu vinha no suporte amarrado às costas dele...lá fomos, até que, a meio da pedra...pumba!...lá fomos os dois para o meio da água, bicicleta para um lado e nós para outro...a pedra era estreitinha...ficamos ali todos encharcados”.

Histórias contadas na primeira pessoa de uma afeição marcante a um objeto que se reveste de um encantamento que os adultos lembram com particular pormenor dos tempos das suas infâncias, ficando patente que, por mais inconfessáveis que sejam as barreiras a transpor, as crianças avançam para elas com a determinação de as vencer, porque a brincadeira parece sempre falar mais alto do que tudo o mais.

6. ARCAS DA MEMÓRIA LÚDICA

Nas narrativas dos interlocutores do estudo outras memórias se evidenciam e permanecem como pedaços de vidas de um tempo que todos parecem querer recordar sempre ou ter evocado num recanto ou lugar onde lhe possam deitar a mão, manusear ou simplesmente saber que está ali.

Nos dois estratos geracionais mais velhos não são tantas as memórias que os objetos das práticas lúdicas guardam como as que oralmente antes perscrutamos.

O avô Clara, do 3.º estrato geracional (F4), guarda há sessenta anos a rodinha e a gancheta de menino e o João Alberto, dos Araújo (F1), não há muito menos tempo bastante muito do

material lúdico com que brincou: “conservei os brinquedos até à idade adulta, depois os filhos é que me deram cabo deles, mas ainda conservei outros que lhes tirei da mão e tenho-os lá. Cadernetas de jogadores, tenho lá muitas, colecionadas caramelo a caramelo, a tostão cada um, e no fim da coleção ganhava-se uma bola de capão”.

Do mesmo modo, o Luís do 3.º estrato geracional dos Cunha (F3), também guarda há mais de meio século um dos piões com que então jogou e, ainda, joga hoje, de quando em vez, com os colegas de infância em ajuntamentos festivos, a que juntou agora mais três para um dia serem repartidos pelos quatro netos que tem.

Porém, é nos dois estratos geracionais mais próximos que se torna notório algum culto pela guarda de objetos, transformados *de per si* e por onde vão sendo arrumados em verdadeiros lugares da memória lúdica que se vai afastando pelo andar inexorável tempo, mas que, perdido o uso, se querem preservados, tarefa a que os pais, guardadores dos seus, também se encarregam muitas vezes dos dos filhos o serem também.

A mãe Sónia, dos Cerqueira (F2) do 2.º estrato geracional, disse-nos que “ainda guarda bonecas e alguns brinquedos que tem espalhados pelos móveis da casa”. O Albino, dos Ferreira (F5), também conserva dois carochas, “que deitavam fumo e tinham amortecedores” que o pai lhe dera no tempo em que foi emigrante na Alemanha, tal como o Carlos, dos Araújo (F1) do penúltimo estrato geracional, contou que no sótão da casa dos pais estão guardados muitos brinquedos, e a mãe Olga desta família lembrou brinquedos arrecadados, com que, três décadas depois, a sobrinha brincou: “as primeiras bonecas com que a minha sobrinha, que tem dois anos, brincou, foram nossas, minhas e da mãe dela, quando pequenas, e perduraram mais de trinta anos”.

Esta apetência pela preservação da memória lúdica mantém-se pelos mais velhos do primeiro estrato geracional, guardadores, sobretudo, dos apetrechos que alimentaram as brincadeiras preferidas ou representativos dos heróis das suas confabulações lúdicas de então. O Bruno Ferreira (F5) guarda os *Action Man* e a prima Raquel os *Nenucos* e as *Barbies*, enquanto o Rui Massa (F7) tem espalhados pelo escritório e pela garagem quase todos os brinquedos da sua infância. A Inês, dos Oliveira (F8), tem uma razão para preservar a memória lúdica que sintetiza muito do que são as motivações que presidem ao gesto: “Guardo os brinquedos porque, quando pego neles, é como estar a rever o filme da minha infância. Fazem-me lembrar a sorte que tive de ter uma infância tão feliz”.

Dos mais pequenos, ainda brincantes, percebe-se, mais pela voz dos pais, uma cuidadosa preocupação pela criação e preservação de espaços lúdicos caseiros, que vão desde o quarto de dormir (e.g. Martinha e Joana, dos Cunha – F3; João e Carolina, dos Araújo – F1), até ao quarto especificamente disponibilizado e apetrechado para a brincadeira (e. g. Mara, Gabriela, Nuna e Ricardo, dos Cerqueira - F2; Raquel, Martinha e Joana, dos Cunha – F3), onde não só se preserva a memória, como também se a trespassa dentro da fratria. Em alguns, quando o quarto encharca ou a fase lúdica passa, a garagem torna-se museu ou arrecadação pelas mãos dos pais (e. g. João e Carolina dos Abreu – F1).

Ainda se há de fazer tempo para que se perceba a dimensão desta memória lúdica ainda temporã para muitos dos informantes que constituem o grupo mais novo da metade próxima

do primeiro estrato geracional. Entre a desconfiança da mãe Ana Paula, dos Ferreira (F5), perentória ao afirmar que “nós dantes apegávamo-nos muito mais às coisas. Eles, agora, não, têm uma variedade enorme, têm várias coisas...”, e o arrumo com que as irmãs Cunha (F3), desse primeiro estrato geracional, guardavam os muitos brinquedos com que dentro de casa e no parque infantil que nela está construído no jardim brincavam assiduamente, talvez se encontre um ponto para equilibrar a perenidade da memória lúdica que cada criança construiu um dia.

Nas narrativas, a partir das quais o pulsar da vida quotidiana emerge na nudez da realidade que em cada uma delas se conta por fora e por dentro dos atores que lhes dão conteúdo, e nas demais evocações da memória que guarda momentos marcantes das vivências lúdicas que todas as crianças a seu tempo puderam fruir, mesmo quando mesclados com a adversidade, também se afirmam traços da plena presença da infância na sociedade que integra, e que, por isso, em momento algum lhe passa despercebida ou é indiferente.

7. BRINQUEDO: MEMÓRIA SEMPRE PRESENTE

Se é verdade que a marca geracional está patenteada em todas as culturas infantis como seu denominador comum e consequente sinal distintivo, que mantém inalterados, por entre a heterogeneidade das suas formas, os traços simbólicos e materiais em que todas elas se consubstanciam, não menos o é que as subsidiariedades societais de que se alimentam lhes conferem sentidos e marcas plurais que a elas se encontram indelével e inexoravelmente ligadas, o que torna redutora a sua declinação no singular (Franklin, 1995; Javeau, 2005; Danic, 2008).

As narrativas dos dois estratos geracionais mais velhos, sobretudo estes, contêm na sua essência traços dos tempos difíceis das infâncias que tiveram, quiçá por idade e condição, as maiores sofredoras do atraso generalizado que grassava no país⁶ (Barreto, 2009), pouco coberto por uma escola mal sucedida na sua missão, por vezes cruel para os alunos (e.g. o senhor Cunha – F3 – do 4.º estrato geracional), muito longe de ter integrado no seu público

⁶ “Era um país fechado. Um Estado autoritário. E um povo inculto. Era Portugal do início dos anos sessenta. Pequeno, pobre e periférico. País rural, quarenta por cento da população, mais do que qualquer outro na Europa ocidental. Uma alta natalidade estava na origem da população mais jovem do continente. Uma obscena mortalidade infantil (mais de oitenta por mil) e uma esperança de vida reduzida (sessenta anos para os homens e sessenta e cinco para as mulheres) denunciavam o atraso social e económico. Os horizontes eram fechados, a escola medíocre e insuficiente, a saúde pública quase inexistente, poucos os empregos industriais e a liberdade diminuta. A maior parte dos agregados domésticos não tinha acesso aos serviços públicos de água, de eletricidade ou de saneamento. As infraestruturas eram pobres e ineficazes, as deslocações eram difíceis. Os portugueses viajavam pouco dentro do seu próprio país. O número de analfabetos elevava-se a quarenta por cento da população. Legalmente oprimidas, as mulheres tinham poucos empregos (apenas quinze por cento da população ativa), eram mantidas à margem do espaço coletivo e não tinham o mesmo estatuto de cidadania que os homens: viviam e morriam, em maioria, fechadas nas suas vidas domésticas. Era assim que viviam os portugueses há cinquenta anos” (Barreto, 2009, pp. 4-5).

todas as crianças do país e muito menos ainda as que tinha como oficiais exclusivos das suas, por esses tempos, propaladas artes da ensinança, que objetivavam para cada uma delas apenas o encargo de aprender a ler, a escrever e a contar (e.g. o senhor Clara – F4, a D. Adelina, dos Gonçalves – F6, ambos do 4.º estrato geracional, e a Maria Teresa, dos Gonçalves do 3.º estrato). Era com as crianças rurais, urbanas dos bairros populares e outras mais que em lides diferenciadas se tinham de ocupar também, que o ofício de aluno se cruzava com outros ofícios (Sarmiento, 2000), quantas vezes ainda numa posição de grande subalternidade.

As crianças não são indiferentes ao que à sua volta se passa, por exemplo, no que as segrega entre as demais com quem se confrontam quotidianamente. O senhor António Ferreira (F5), do 3.º estrato geracional, e os seus pares vingavam a míngua dos seus recursos económicos face à ostentação dos meninos ricos que frequentavam o liceu, roubando-lhes os símbolos da abundância que transportavam e consumiam à vista de todos. A apropriação, à sorrelfa, dos gelados, dos bolos e dos chocolates da diferença para os que, como ele, pouco ou nada tinham, mais não era do que a expressão do confronto de classes, aqui naturalmente apropriado do seu mundo adulto para responder à problemática que se colocava no seio da comunidade infantil de então (Corsaro, 2003). Aliás, neste meio habitado pelo senhor António (F5), a ordem instituída pelas crianças era também ela discriminatória uma vez que os calçados não podiam jogar à bola ou, então, fazê-lo só na baliza, num nivelamento grupal que a todos procurava igualizar, quer no *status* do momento lúdico em si mesmo, quer, porventura, sobretudo nas condições em que usavam uma das principais ferramentas de jogo, que os pés obrigatoriamente desnudados constituíam assim para todos da mesma maneira.

Outras narrativas inserem-se no domínio da dramatização tão presente no lúdico, sobretudo quando se “prega uma partida” ou “se fazem disparates com a intenção de divertir o próprio ou divertir os outros” (Lavado, 1999, p.36), como bem expresso ficou nas narrativas esfuziantes dos Rodrigues do 3.º estrato geracional (F10), no melodrama falhado do senhor Geraldo, dos Oliveira (F8), e na tentação irresistível de apropriação dos ‘rendimentos do culto’ para satisfação de gulodices e espírito colecionista do senhor Carlos, dos Massa (F7), estes dois últimos do 4.º estrato geracional (F8).

Noutro sentido vão os relatos que falam da distorção grave das regras que impunha a ordem social doméstica, habilmente contornada sem que aí se desse por isso (e.g. os Cerqueira – F2 – do 3.º estrato geracional), emergindo nesta narrativa transgressiva alguma instabilidade nas relações intergeracionais e, até, de resistência a condicionantes de acesso e até mesmo privação do que se produzia na casa com a ajuda do próprio trabalho das crianças, que, de todo, não era aceite por elas.

Relacionados com o princípio do prazer que está bem presente na experiência lúdica (Brougère, 2005) estão os contornos que assume o impulso que atrai as crianças para a bicicleta, advindo do que para elas representa um objeto que lhes proporciona autonomia, domínio do espaço e do tempo e da própria complexidade da máquina (e.g. o João Alberto, dos Abreu do 3.º estrato geracional, o seu homónimo dos Pimenta, do 2.º estrato geracional, e o Adelino, dos Oliveira do 3.º estrato geracional). Aliás, a narrativa deste último encerra todos os pressupostos para que se possa considerar o momento do triunfo sobre a máquina, que ele, em tom épico, contou, o culminar de uma atividade que lhe produziu fluxo e conduziu, por isso, a uma *experiência ótima* (Csikszentmihalyi, 2000), pelo conjunto de

competências, destrezas, regras complexas, concentração extrema, *performance* em contínua retroalimentação e prossecução de objetivos previamente traçados, que ele, com esforço denodado, conseguiu, felicíssimo, realizar com todo o êxito com que o sonhara fazer um dia, numa ação que lhe deu grande prazer levar a bom termo.

Nestes fragmentos de memórias individuais, feitas, ao crescer, de saberes infantis acumulados cronologicamente no tempo por cada criança a partir da sua experiência e da experiência que dos seus ancestrais recolheu (Iturra, 1998), que, pela partilha de recordações tidas como relevantes pelos atores que as quiseram contar no grupo e pelo registo que aqui delas é dado, se tornam também memória social (Fentress & Wickham, 1992) fica, ainda, a anotação da dedicada entrega com que as crianças são capazes de desempenhar com competência tarefas exigentes, que só os “verdadeiros artistas” conseguem lograr *de per si* ou com um pequeno gesto de adestramento de um adulto, como bem expresso ficou da narrativa do João Alberto, dos Pimenta do 3.º estrato geracional (F9).

Se as narrativas ao jeito das que para trás ficaram anotadas se apresentam como memória imaterial que permanece bem à tona das recordações que os informantes dos dois estratos geracionais mais antigos que as contaram trazem das suas infâncias, não é com este traço característico que nos estratos geracionais que se lhes seguem as evocações aparecem registadas. Por agora, para os mais novos, o baú da memória abre lugar à arca das recordações de infância, configuradas nos escaparates de um quarto de dormir, de estudo ou de brincar, quando não na escuridão de um sótão empoeirado ou nas prateleiras de uma garagem onde se expõem ou guardam os artefactos da brincadeira, sem que se possa perceber com que apego o fazem, sobrepujando resquícios de antanho através dos quais alguns quiseram preservar a memória material das suas infâncias (e.g. Araújo – F1 e Clara – F4, dos terceiros estratos geracionais respetivos), numa prática que se acentuou e avolumou na generalidade do segundo estrato geracional e na metade mais velha do primeiro, sem expressão, contudo, quando confrontados com a realidade de agora, mas, todavia, com o significado que faz deles evocações de um tempo que todos gostosamente recordam com saudade.

A memória lúdica imaterial dominante nos dois estratos geracionais mais distantes no tempo, construída tantas vezes à mistura com as vicissitudes da vida pela astúcia e pertinaz resistência das crianças às adversidades que lhes atravancavam o caminho, acaba por se materializar ao longo dos dois últimos, com particular intensidade nas crianças que nos são mais próximas no tempo.

Mesmo nas condições mais adversas, revoltadas pela condição social, intransigentes para com o cumprimento das regras, usando ardilosas estratégias para lograr os seus intentos ou, simplesmente, perseguindo sem limites os seus desejos, as crianças foram sempre capazes de abrir portas para que o fascínio do mundo lúdico pudesse entrar por cada uma delas dentro e elas nele penetrassem também. Outras, não muitas, puderam fazê-lo sem atropelos de maior. Contudo, por todas perpassou sempre um sentimento de grande prazer, mesmo quando não tenha sido fácil o caminho para lá chegar.

Na verdade, os adultos não se nos conseguiram contar como crianças sem uma evocação constante do lado lúdico das suas vidas, mesmo quando o tiveram que mesclar com as

condições vivenciais ou outras marcas sociais com que as suas culturas se cruzaram no vaivém que necessariamente se processa com as culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos (Sarmiento, 2006).

Zelosos e assumidos mestres de um saber pericial, o saber lúdico, que na idade adulta conseguem olhar como o que de mais valioso e bem conseguido enquanto crianças tiveram e souberam realizar, verdadeiramente o melhor dos saberes infantis (Delalande, 2006), todos deixaram nesta marca expressa a primeira das instâncias em que se consubstanciam as culturas infantis, em todos os lugares, em todas as classes e em todas as sociedades a que as crianças pertencem e onde se integram plenamente (Benjamin, 2005).

Quer pelas ações multiformes em que se pode consubstanciar, quer pelas estruturas que lhe dão as configurações aí conducentes, quer, ainda, pelo seu papel de mero objeto a que a imaginação de cada criança há de dar num momento dado um destino lúdico, o brinquedo é uma memória sempre presente, tanto nas narrativas, quanto nas outras representações materiais, como os informantes deixaram inquestionável quando, no jeito como o puderam fazer e viver, no-lo contaram.

8. CONCLUSÕES

Nas suas peculiares culturas, a lúdica tem um primordial lugar na infância que cada criança vive inexoravelmente e constitui-se como alicerce que suportará a vida que depois dela lhe virá. Fá-lo num mundo que não lhe é estranho e não lhe passa despercebido e onde, conseqüentemente, procura refletir as suas vivências lúdicas, que as artes com que vai aprendendo a fazê-lo ajeitam com a força que o ofício de brincar transporta para dentro de cada pequeno brincante.

Esta realidade tem, provavelmente, o tempo do tempo do homem, a ver pelo jeito que as coisas atrás dadas a conhecer levaram na última centúria.

A brincadeira tem o seu tempo social histórico e nele se reflete muitas das vezes. Permanece, indelével, na memória de quem a vivenciou e dela ficou com a marca registada que, a espaços, como novidade, lhe perturbou a rotina lúdica que se ia trespassando intergeracionalmente.

A brincadeira e os marcos temporais que se lhe achegam e, conseqüentemente, juntam à memória que dela necessariamente todos tomamos lembrança perene, tem sempre cabimento privilegiado no que de melhor nos vai ficando da vida.

9. BIBLIOGRAFIA

Barreto, A. (2009). *Quatro Décadas: da mudança à incerteza*. Lisboa: Academia das Letras de Lisboa. Recuperado em 2010-05-28, de <http://www.acad->

ciencias.pt/files/Mem%C3%B3rias/Ant%C3%Bnio%20Barreto/abarreto_22_10_09.pdf.

- Benjamin, W. (2005). *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. S. Paulo: Duas Cidades.
- Brougère, G. (2005). *Jouer/Apprendre*. Paris: Economica Anthropos.
- Buckingham, D. (2002). *Creceer en la era de los medios electrónicos*. Madrid: Ediciones Morata e A Coruña: Fundación Paideia.
- Cardoso, G., Espanha, R. & Lapa, T. (2007). *E-Generation – Os usos de Media pelas crianças e jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ISCTE.
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Corbin, A. (1995). *A História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema.
- Cordes, C. & Miller, E. (2008). *Fool's Gold: A Critical Look at Computers in Childhood (Report)*. USA: Alliance for Childhood.
- Corsaro, W. (2003). *Le Culture dei Bambini*. Bologna: Il Mulino.
- Csikszentmihalyi, M. (2000). *Fluir*. Barcelona: Kairós.
- D'Amato, M. (2006). Les Nouveaux Paradigmes de L'Imaginaire des Enfants. In R. Sirota. *Éléments pour une Sociologie de L'Enfance*. (pp. 285-294). Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Danic, I. (2008). La Production des Cultures Infantines. Ou la Culture Infantine comme Réalité Dynamique et Plurielle. *Interações*, 10, 6-13.
- Fentress, J. & Wickham, C. (1992). *Memória Social – Novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema.
- Fernández, F. (1991). El Juego en la História como Elemento de Cultura. In T. Triperio (Coord.), *Juegos, Juguetes y Ludotecas* (pp.71-75). Madrid: Publicaciones Pablo Montesi.
- Franklin, B. (1793/2005). *Autobiography of Benjamin Franklin*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Iturra, R. (1998). *Como era quando não era o que sou – o crescimento das crianças*. Lisboa: Profedições.
- Javeau, C. (2005). Criança, infância(s), criança(s): Que objecto dar a uma ciência social da infância? *Educação e Sociedade*, 26(91), 379-389.
- Johnson, S. (2006). *Tudo o que é mau faz bem*. Lisboa: Lua de Papel.
- Lavado, A. (1999). Mundos paralelos – Lúdico e representação do real. *Arquivos da Memória*, 6/7, 35-46.
- Papert, S. (1996). *A Família em Rede*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Pastor, R. (1991). El Juego: de nuestros padres a nuestros hijos. In T. Triperio (Coord.), *Juegos, Juguetes y Ludotecas* (pp. 77-85). Madrid: Publicaciones Pablo Montesi.
- Pinto, C. (1995). *Sociologia da Escola*. Amadora: McGraw – Hill, L.da.

- Postman, N. (1994). *The disappearance of childhood*. New York: Vintage Books.
- Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Sarmento, M. (2000). Os ofícios da Criança. In *Actas do II Congresso Internacional 'Os mundos sociais e culturais da Infância'* (Vol. II, pp.125-143). Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Sarmento, M. (2006). Imaginário e Culturas da Infância. In M. J. Sarmento (Ed.), *Sociologia da Infância – Relatório da Disciplina* (pp. 157-171). Braga: Universidade do Minho.
- Silva, A. N. (2012). *Jogos, Brinquedos e Brincadeiras - Trajetos intergeracionais*. Barbudo-Vila Verde: ATAHCA-Associação das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave.
- Turkle, S. (1995). *A vida no ecrã*. Lisboa: Relógio D'Água.